

Caio Fábio D' Araújo Filho, *Vivendo um Tempo de Mudanças: Percebendo o mover de Deus na História* (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1996).

Neste opúsculo (originalmente um sermão) Caio Fábio procura dar três critérios bíblicos para que os leitores possam entender o mover de Deus na história, e embarcar nele. Primeiro, a história é produzida pela *alternância entre a construção e "desconstrução"*, dentro da qual o Espírito atua. O autor apresenta como evidência bíblica a passagem de Eclesiastes 3.1-8, onde *Kohelet* ("o pregador") afirma que há tempo para todo propósito debaixo do sol, e elenca em seguida uma série de opostos.

Segundo, *o encontro entre forma e conteúdo*. O autor se utiliza da parábola do vinho novo em odres velhos contada pelo Senhor Jesus (Lc 5.33-39) como apoio para este ponto. Sua tese é que as coisas novas que Deus está fazendo na presente geração não cabem nas formas antigas de gerações passadas que ainda persistem em meios evangélicos.

Terceiro, *o Espírito em meio ao caos*. Caio Fábio toma a linguagem catastrófica de Pedro e Joel em Atos 2.16-21 como uma referência à Gênesis 1.2-3, e interpreta-a como uma indicação de que os derramamentos do Espírito (avivamentos) ocorrem em situações e lugares os menos esperados, em meio ao caos da sociedade humana — como por exemplo, nas favelas do Rio de Janeiro.

Há muita coisa neste livro que o recomenda como uma leitura desafiadora. Uma delas é o apelo implícito do autor para que os seus leitores se envolvam com a atividade divina nos dias de hoje. Outra, é que Caio Fábio parece acreditar que está havendo um grande avivamento, um derramamento do Espírito, no Brasil. Os critérios que o levaram a chegar à esta conclusão não estão claros no livro. Parece inegável que Deus tem agido de forma graciosa em nossa nação; entretanto, a confusão doutrinária, o divisionismo, e as práticas estranhas presentes em boa parte do evangelicalismo brasileiro atual impõem uma atitude menos otimista.

Apesar do seu conteúdo original e desafiador, o livro fica prejudicado por algumas falhas de exegese.

1) O uso de Eclesiastes 3.1-8 para defender a idéia de que a história é produzida pela *alternância entre a construção e desconstrução*, dentro da qual o Espírito atua. Há duas dificuldades com o emprego desta passagem para apoiar este argumento. Primeira, o autor de Eclesiastes parece estar dizendo algo diferente do que Caio Fábio sugere. A afirmação "há tempo para todo propósito debaixo do céu," seguida do catálogo de quatorze opostos, faz parte do tema geral do autor que "tudo é vaidade debaixo do céu," e visa demonstrar que estamos sujeitos, durante o tempo da nossa existência como indivíduos, à épocas e à mudanças sobre as quais não temos qualquer controle, e que Deus faz isto *exatamente para que o homem não descubra o que Ele está fazendo*, e para que, assim, venha a temê-lo. É o que *Kohelet* afirma logo após a lista, ver Ec 3.11, 14-15. Talvez o texto que "abre" o sentido de 3.1-8 é 7.14, onde *Kohelet* explicitamente afirma que Deus alterna os tempos "para que o homem nada descubra do que há de vir depois dele."

A segunda dificuldade que temos é a forte impressão de que o autor se utilizou do modelo Hegeliano para uma leitura da passagem. Hegel, como é do conhecimento geral, foi o

mais conhecido propagador da idéia de que a história se desenvolvia numa dialética (alternância) de tese e antítese, da qual o "Espírito Absoluto" (ou razão) era o catalizador. Sua tese está hoje largamente desacreditada entre os próprios meios filosóficos, para não dizer teológicos. O último grande proponente da tese de Hegel como instrumento de leitura da história bíblica foi o alemão Ferdinand Baur, no meio do século passado, que se tornou famoso por ler a história da Igreja primitiva em termos de uma antítese entre o Cristianismo de Paulo e aquele de Pedro e Tiago, sendo o Catolicismo incipiente do século II a grande síntese! Ver a tese de Hegel rediviva num livro de Caio Fábio foi uma surpresa! Será que temos de adotar a filosofia histórica de Hegel para entendermos o que Deus está fazendo hoje?

2) Existe também alguma dificuldade com a interpretação que Caio Fábio faz de Atos 2.19-20. Como já mencionado, ele toma a linguagem catastrófica de Pedro e Joel como sendo uma referência à Gênesis 1.2-3, e interpreta-a como sendo uma indicação de que, no meio do caos, Deus traz derramamentos do Espírito. A conexão não deixa de ser interessante e provocativa. Mais uma vez, concordo com a tese, mas tenho dúvidas quanto à exegese.

No Velho Testamento emprega-se esta linguagem catastrófica consistentemente em conexão com a vinda do Dia do Senhor. A descrição de catástrofes ocorrendo com os astros no firmamento, e embaixo na terra, nada tem a ver com o caos e a desorganização humanos. É uma linguagem alegórica para descrever o assombro, a grandeza, a glória e o poder do Dia do Senhor. Basta ler os profetas para se ver isto, cf. Is 13.9-11; 24.23; Am 8.9-10, entre outras passagens.

O Novo Testamento usa a mesma linguagem com exatamente o mesmo propósito. Os evangelistas sinópticos a empregam para descrever o dia da vinda do Senhor (Mt 24.29 e paralelos). Pedro, no dia de Pentecostes, cita a profecia de Joel em sua inteireza, incluindo assim a parte "catastrófica," por estar convencido que os últimos dias haviam acabado de raiar (veja como ele altera as palavras de Joel em Atos 2.17, comp. Jl 2.28), e que o Dia do Senhor havia se iniciado com Pentecostes. Todos nós estamos familiarizados com o fato de que, para a Igreja primitiva, o fim dos tempos, os últimos dias, o Dia do Senhor, já haviam irrompido na história (ver, por exemplo, 1 Co 10.11; 1 Jo 2.18; etc.). A leitura mais simples e direta da passagem, assim me parece, é que Pedro está citando a profecia Joel em sua inteireza (isto é, incluindo a descrição da catástrofe celestial) simplesmente porque está certo de que o Dia do Senhor raiou, e não porque está vendo caos ao seu redor, e o Espírito sendo derramado em meio à ele.

Os evangélicos conservadores certamente se sentirão provocados com as teses que Caio Fábio apresenta aqui. E mesmo desconfiarão que eles são o alvo implícito das críticas vagas e indefinidas feitas aos que, segundo o autor, "desejam preservar o que Deus já destruiu," que amam o vinho (e os odres) velho, e que, por resistir ao "novo", acabam lutando contra Deus. De qualquer forma, todos nós deveríamos aceitar o desafio para que não estejamos insistindo em sacralizar formas litúrgicas e organizacionais que reflitam apenas preferências pessoais e não o ensino bíblico. Caio parece se referir somente às *arcaicas*, esquecendo que o desafio é também para os que têm tentado sacralizar formas litúrgicas *contemporâneas*.

O livro é bom como desafio teológico. Mas apresenta algumas falhas de exegese. A exegese está tão ligada ao corpo da mensagem, que seria impossível corrigir a exegese sem alterar a mensagem. Recomendo o livro, portanto, como uma convocação provocativa à reflexão teológica, sem poder recomendar o tipo de exegese praticada pelo

seu autor. É mais um caso de idéias brilhantes em textos errados, e que precisariam ser melhor definidas para não serem mal-compreendidas.

— *Augustus N. Lopes*